

Do diagnóstico à intervenção de reabilitação – medidas de intervenção

Vasco Appleton | A2P – Consult Estudos e Projectos, Lda

A comunicação a apresentar centra-se no que deverá ser o processo conducente à reabilitação do Mosteiro de Santa Maria de Seiça, desde a fase de diagnóstico até à intervenção.

O Mosteiro de Santa Maria de Seiça tem origem no século XII, segundo M. Cocheril, tendo sido uma doação a Alcobaça de D. Sancho I em 1195, o que o coloca na esfera de Claraval, dentro da Ordem de Cister. Actualmente é visível uma igreja com traços renascentistas, embora alguns elementos como as abóbadas do nártex tenham um aspecto mais medieval que clássico. D. João III terá suprimido o Mosteiro, tendo este sido restituído à Ordem por D. Sebastião em 1560. Daí ter havido uma grande campanha de obras entre os séculos XVI e XVII, de que datam a maior parte das construções pré-industriais. Com a extinção das ordens religiosas e a dessacralização da maior parte dos conventos e mosteiros, também este sofreu o mesmo destino, tendo sofrido uma adaptação a fábrica de descasque de arroz e ainda um corte/demolição das construções posteriores - cruzeiro, altar-mor e transepto - para conferir uma área de protecção à linha do Oeste.

O estado de conservação da maior parte do Mosteiro e das suas dependências - igreja, claustro e construções claustrais - é precário. De facto, alguns dos edifícios encontram-se num estado de conservação que se aproxima da pré-ruína: Dentro da igreja, as coberturas encontram-se destruídas na sua quase totalidade, quando comparadas com o cenário de há cerca de dez anos, o mesmo sucedendo com as abóbadas, especialmente a do primeiro tramo do coro ou último do nártex, que em 2000 se encontrava ainda de pé e quase intacta e que, agora, se encontra quase totalmente colapsada. As torres sineiras destacam-se por terem diversa vegetação já de médio porte a crescer no seu topo; a fachada da igreja, especialmente o lanternim que terá substituído o tímpano sobre o portal, está profundamente degradado, em pré-colapso. O claustro e as construções anexas estão num estado de conservação mais estabilizado, embora, nalguns casos, já não permitam o acesso entre áreas do piso elevado em condições de segurança; nalgumas situações, são visíveis colapsos recentes de elementos de estrutura e revestimentos de madeira e telhas.

Por se considerar essencial estancar o processo de decaimento do edifício deverão ser tomadas medidas de intervenção tanto ao nível global - acabar com a constante infiltração de águas pluviais, escorar elementos próximos do colapso, consolidar elementos facilmente consolidáveis - como local - proteger elementos de pedra trabalhada, classificar e armazenar cantarias deslocadas ou caídas, proteger tectos de caixotão, preservar restos de policromia que hoje se encontram praticamente ocultos sob camadas de fungos e infestantes resultantes da humidade mas que ainda eram visíveis há dez anos.

O processo de reabilitação deverá passar por um diagnóstico do estado de conservação do mosteiro, acompanhado de diversos estudos complementares de história de arte, de conservação e restauro, de hidráulica monástica, de arqueologia industrial, bem como levantamentos (arquitectónico, estrutural, de anomalias) para que se consiga classificar que património resta dentro do Mosteiro, compreender que problemas afectam o conjunto edificado, que medidas terão que ser tomadas e ainda definir, em conjunto com o dono-de-obra, um programa preliminar para uma futura obra de intervenção, estimando-se custos dessa mesma intervenção.

Deste modo, poderão ser elaborados os programas funcionais e, de seguida, poderão ser realizados os projectos que suportarão a obra de restauro do mosteiro.

Vasco Miguel Pontes Appleton

Licenciado em Engenharia Civil pelo IST em 1996

Mestre em construção pelo IST em 2002

Sócio Gerente da A2P Consult

Professor Auxiliar Convidado na Universidade Católica Portuguesa